

## ENTREVISTA COM SÔNIA MARIA GIACOMINI



Sônia Maria Giacomini é antropóloga. Foi professora Associada do Departamento de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, de 1980 a 2020. É doutora em Sociologia pela SBI/IUPERJ (2004), mestre em Antropologia Social pelo PPGAS Museu Nacional UFRJ (1992) e Bacharel em História (Licence d'Histoire) pela Université de Paris VII (1979), e em Administration Économique et Sociale, option Sciences de la Société pela Université de Paris VII (1976). É Colaboradora Universitária Internacional do Réseau Québécois d'Études Féministes. Foi Diretora do Departamento de Ciências Sociais por dois mandatos (1995-1997 e 2002-2007), Coordenadora do Núcleo Interdisciplinar de Reflexão e Memória Afrodescendente (2007-2013) e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais PPGCIS da PUC-Rio (2013-2019). Nesta entrevista, realizada por Maria Cândida Vargas Frederico no dia 2 de agosto de 2024, dentro da sala de pós-graduação de Ciências Sociais da PUC-Rio, Sônia Maria Giacomini conta como foi sua formação interdisciplinar na França e no Brasil, fala sobre a conjuntura intelectual desde a década de 1980, principalmente sobre os temas relacionados aos estudos raciais e de gênero e, além disso, aborda as reestruturações acadêmicas no curso de ciências sociais ao longo das últimas quatro décadas.

**Maria Cândida Vargas Frederico** - Você tem uma carreira consagrada nas ciências sociais, tendo feito graduação em história, mestrado em antropologia e doutorado em sociologia. Como essa visão multidisciplinar contribuiu em suas reflexões epistemológicas?

**Sônia Maria Giacomini** - A minha formação é mesmo muito interdisciplinar, e eu devo muito isso à graduação que eu fiz na França, em que a interdisciplinaridade já era totalmente consagrada, tanto é que eu fiz a opção por ciências sociais na graduação do *Administration Économique et Sociale*, na então Université Paris VII—Jussieu (1979), também conhecida como Paris-Diderot, PARIS 7, porque essa era uma graduação muito interdisciplinar com opção em ciências sociais. Fiz também em seguida uma Licence D'Enseignement em história, sendo que muitas disciplinas nessas diferentes graduações eram comuns, integradas. Então eu devo muito essa perspectiva interdisciplinar já à minha graduação, uma perspectiva que felizmente a gente conseguiu trazer também por ocasião da reforma da nossa graduação aqui no departamento, quando fizemos uma nova graduação, totalmente aberta à interdisciplinaridade.

Além disso, os temas com os quais eu sempre trabalhei são intrinsecamente interdisciplinares: o que se chamava anteriormente “estudos sobre a mulher” depois virou “estudos de gênero”. Tema que tem sempre essa marca interdisciplinar, em que a dimensão do feminino, do gênero, é pensada em todas as suas dimensões, que envolvem psicologia, história, antropologia, sociologia, política, porque o gênero é político. Então os temas com os quais eu trabalhei também me conduziram muito no desenvolvimento dessa perspectiva.

**Maria Candida Vargas Frederico** - Você fez seu mestrado em uma época de publicação de livros seminais sobre gênero, como os de Judith Butler. Poderia nos contar sobre o impacto da leitura e da recepção dessas obras na sua vida pessoal e profissional?

**Sônia Maria Giacomini** - É importantíssimo. Mas, antes da Judith Butler, eu acho que a gente tem que mencionar Michel Foucault. A minha graduação na França foi com muito Foucault, como dizíamos na época brincando: Foucault “na veia”. Quer dizer, tinha Émile Durkheim, tinha Marcel Mauss, muitos outros, tinha Max Weber, pouco Weber, mas tinha, mas muito, muito Foucault. E a Butler deve muito ao Foucault também, que colocou essa questão da biofísica do poder, dos micropoderes, dessa nova configuração do poder na modernidade, que faz parte da modernidade, na qual não há, sobretudo, o poder do Estado. Ou seja, a ideia de que as relações pessoais, sexuais, de toda ordem, são constituídas e estão permeadas por relações de poder, e o lugar e importância que essas formas de poder têm na configuração da modernidade. Eu acho que a Butler vai levar isso adiante de uma maneira muito, muito interessante. Acabo de ver o filme *Orlando, Minha Biografia Política* (2023), que, aliás, eu acho que tem a cara do mundo de hoje. Filme maravilhoso, que trata muito do que a gente está vivendo, que fala muito do mundo contemporâneo e das formas de poder do mundo contemporâneo.

**Maria Candida Vargas Frederico** - Você é professora da PUC-Rio desde a década de 1980. Quais as suas lembranças do departamento naqueles primeiros anos?

**Sônia Maria Giacomini** - Foi justamente na minha volta para o Brasil depois de muitos anos na França, depois da anistia política, meu marido era refugiado político, asilado na França. Essa conjuntura pessoal está ligada à história do departamento em 1980, que vivia os ares da

redemocratização. Em março de 1980, a diretora do departamento, Miriam Limoeiro Cardoso, me convidou, assim como a outros colegas que retornavam ao Brasil, para dar aula aqui. Então esse foi o meu primeiro trabalho no retorno ao Brasil depois de sete anos na França. Foi uma experiência maravilhosa porque entrei em contato de novo com o Brasil, e na PUC, aqui no departamento, que antigamente se chamava Sociologia e Política, com um acolhimento fenomenal. Aqui eu encontrei muitos colegas, alguns que seriam próximos por várias décadas: Antonio Monteiro Guimarães, Tatiana Lins e Silva, Luiz Carlos Fridman, Márcia Pereira Leite, Silvana Miceli, Cristina Dias, Sérgio Góes de Paula, que era professor daqui e da Fiocruz, Zélia Seiblitz, Ângela Ramalho, entre outros também sociólogos, antropólogos e cientistas políticos. Então eu conheci um grupo maravilhoso, acolhedor, eles nos receberam muito bem, estavam acolhendo pessoas que tinham estado exiladas fora do Brasil, e com uma interlocução muito interessante. Aqui existia um projeto da Finep<sup>1</sup> de proteção materna infantil, em convênio com a Fiocruz. Logo no início, além de dar aulas no curso de sociologia aqui do departamento, eles também me convidaram para participar dessa pesquisa, onde eu fiz um relatório sobre o papel da BEMFAM, a Sociedade Civil Bem-Estar Familiar no Brasil, que fazia planejamento familiar; na verdade, fazia uma intervenção no corpo feminino de mulheres pobres, era uma coisa aterradora, e a minha parte nessa pesquisa foi sobre o planejamento familiar no Brasil a partir da atuação da BEMFAM. Em 1980, esse departamento era muito reconhecido, florescente, com muitas atividades, e a PUC-Rio também era muito efervescente, a PUC-Rio como um todo. Então foi um voltar para o Brasil em grande estilo, e conhecer muita gente em um campus maravilhoso, que é esse aqui da PUC; e continua, como a gente sabe, uma vida acadêmica que pode ser bastante interessante.

Mas logo em seguida, o que aconteceu aqui? Houve um processo de demissão um ano depois, em 1981, onde não só a diretora do departamento, que era Miriam Limoeiro, mas vários outros professores, são demitidos. Foi um momento em que a PUC deu uma forte guinada. Considerou que se durante os anos todos da ditadura tinha tido um papel de acolhimento dos perseguidos, uma vez instalado o processo de abertura política, ultrapassado aquele contexto de ditadura, ela deveria reforçar sua vocação religiosa católica. Então ela iria priorizar essa dimensão católica da instituição, e, com isso, ela tinha tido por bem cortar as pessoas que ela achava que não se encaixavam nesse novo perfil, nesse novo projeto institucional. E foi uma coisa muito, muito terrível, porque foi um baque mesmo. Ninguém estava esperando por isso, e muitos colegas foram demitidos, foram embora. E eu acho que a partir daí houve uma clara intervenção no departamento. O Padre Luiz Garcia de Souza foi nomeado diretor do departamento pela reitoria e, como vocês sabem, os diretores de departamento eram até então escolhidos pelo corpo docente e pelo corpo discente, e houve essa intervenção. Durante muitos

<sup>1</sup> Financiadora de Estudos e Projetos.

anos o Padre Garcia permaneceu diretor do departamento. A partir desse momento houve um desenso, desenso mesmo, na própria qualidade acadêmica do ensino, da pesquisa, da extensão, porque só muito posteriormente e com muito esforço a gente conseguiu refazer, reestruturar, a graduação, voltar a ter pesquisa e uma vida acadêmica.

Nós estávamos com pouquíssimos alunos, se falava em fechar o departamento, e nesse processo tivemos a oportunidade de repensar um novo modelo, que eu acho que continua válido até hoje, com todas as dificuldades que a interdisciplinaridade coloca, numa PUC um pouco excessivamente segmentada em departamentos. Porque não adianta só a gente se abrir, a abertura tem que ser recíproca, mas, na medida das possibilidades, nós conseguimos fazer isso, mesmo porque nós já somos interdisciplinares. Nós temos três áreas: antropologia, sociologia e ciência política, então mesmo entre nós a gente já realiza essa vocação, essa dimensão interdisciplinar, e mais ainda quando existem departamentos, unidades, que têm abertura para uma interação. Por exemplo, a gente fez uma graduação muito próxima da comunicação, uma dupla graduação, ou seja, esse movimento rendeu e rende até hoje bons frutos, o que mostra que acertamos em algumas coisas importantes, tanto é que a nossa graduação é reconhecidamente de excelência.

**Maria Candida Vargas Frederico** - Durante décadas, o departamento chamava-se Sociologia e Política. Como foi o processo da mudança da nomenclatura para Departamento de Ciências Sociais e qual é a importância disso?

**Sônia Maria Giacomini** - Como você sabe, o nome do departamento, Sociologia e Política, foi inspirado na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, o que é uma alusão muito preciosa, porque a Escola Livre de Sociologia e Política é um marco nas ciências sociais no Brasil, foi a primeira instituição de ensino superior a ministrar curso de ciências sociais. Então tem esse nome, é uma homenagem e é uma intenção, faz parte de um perfil que a Escola de Sociologia e Política ajudou, inspirou no departamento. Mas no nome “Departamento de Sociologia e Política”, olha só, existe uma tensão, porque Sociologia e Política estão apenas duas das três áreas do departamento, então a antropologia ficava de fora. Creio que foi acertado chamar de “Ciências Sociais”, porque faz jus, fala mais acertadamente do que era de fato o departamento e permanece até hoje. Então falar em ciência social também era falar de algo mais englobado, mais amplo. Mas eu acho que esse nome de “Sociologia e Política” tem tudo a ver historicamente, se levarmos em conta a inspiração, enquanto uma vocação que o departamento carregou muito bem, muito bem mesmo. Se você for ver quem foi aluno desse departamento, é impressionante a quantidade de pessoas, cineastas, sociólogos, antropólogos, de todas as áreas de conhecimento da intelectualidade brasileira. O departamento formou muita gente muito importante, muito interessante em todas as áreas. Então vingou, vingou bem. Mas o termo Ciências Sociais fala muito mais aos dias de hoje, ele está mais atualizado.

**Maria Candida Vargas Frederico** - Quando você foi diretora do departamento, nascia o programa de pós-graduação, em 2005. Você poderia nos dizer como foi esse processo?

**Sônia Maria Giacomini** - Olha, esse processo foi demorado, porque nós não estávamos simplesmente, pela primeira vez, inventando uma pós-graduação no departamento. Já havia existido uma pós-graduação na época do professor Gisálio Cerqueira Filho, que era o diretor, e essa pós-graduação tinha sido fechada pela CAPES<sup>2</sup>. Então não é que a gente ia criar simplesmente, a gente tinha que criar uma pós, mas tendo uma espécie de déficit passado, e num momento em que já existiam muitas pós-graduações na nossa área de ciências sociais. Aqui no Rio de Janeiro nós temos várias, já tínhamos várias pós-graduações. E o meu colega Eduardo Raposo foi um batalhador coordenando, mobilizando a gente, que já estava super comprometido com o nosso projeto de graduação, nosso projeto de graduação já estava consolidado, funcionando muito bem.

Na primeira seleção de alunos para a nova graduação, no primeiro vestibular, a gente oferecia uma turma, tivemos que abrir duas, porque tinha muito candidato aprovado que queria se matricular, então a gente abriu em dois horários diferentes. Era um sucesso, e nós estávamos super mobilizados, os alunos também super motivados. A gente trabalhava muito, muito, e estava inventando coisas. Não estávamos simplesmente reduplicando caminhos já conhecidos, a gente estava justamente montando uma nova graduação. E, junto a esse esforço de montar uma nova graduação e reforçar aquele modelo que a gente tinha criado, inclusive, na criação desse modelo, Valter Sinder foi uma pessoa fundamental, porque foi ele que bancou, foi ele que convenceu a todos e trouxe a ideia dessa abertura. Fazer créditos mais abertos, com opções, com um *menu* que cada aluno podia criar, isso dava uma liberdade muito grande. Se você for pegar até hoje outras graduações das outras boas universidades no Rio de Janeiro, elas têm um pacote: você faz a Antropologia I, depois II, III, IV. Ciência Política I, II, III, IV, ou seja, é uma sequência em uma ordem em que você não pode mexer. É tudo fechado, é um pacote. E a gente revirou tudo isso e criou uma horizontalidade interessante.

O Valter Sinder foi uma pessoa fundamental nesse processo, assim como eu estava dizendo que uma figura muito importante do projeto da pós foi o Eduardo Raposo, que foi quem capitaneou esse processo. A certa altura, alguns anos depois, o Marcelo Burgos tinha sido contratado como professor do departamento, o que também ajudou muito. Alguns outros colegas também foram importantes para a reconstrução do Departamento, o Luiz Rodolfo Paixão Vilhena, que esteve durante anos conosco até falecer muito jovem num acidente rodoviário, a Santuza Cambraia Naves, nossa querida professora que também nos deixou repentinamente em 2012, no ano em que ela ia fazer 60 anos.

---

<sup>2</sup> Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

A criação da pós-graduação foi um desafio. Consolidada a graduação, era hora de investir na pós-graduação, inclusive havia uma pressão para isso por parte das instâncias superiores da instituição, mas nós tínhamos que ter um perfil próprio, com a cara da PUC e que não se limitasse a ser a prima pobre de outras pós-graduações que já funcionavam muito bem aqui no Rio de Janeiro. Qual era a nossa cara? O que a gente tinha para oferecer? O que iria funcionar?

Após muita discussão, acabou sendo aprovada e foi selecionada a primeira turma em um momento em que eu já estava diretora do departamento. Eu sucedi o Eduardo Raposo na direção do departamento, e o Eduardo continuou coordenando a pós-graduação durante muito tempo. Tivemos aquela primeira aprovação da CAPES em 2005.

**Maria Candida Vargas Frederico** - Pensando na pós-graduação, um tema interessante são as duas linhas de pesquisa. Como surgiram? E sobre a revista *Desigualdade & Diversidade*, você poderia mencionar entrevistas importantes das quais você participou—como, por exemplo, com o Padre Ávila—ou artigos importantes que você publicou na revista?

**Sônia Maria Giacomini** - Essas duas linhas de pesquisa são exatamente a cara da nossa pós, essa cara que a gente ficou tanto tempo discutindo qual seria, quem nós éramos, como a gente podia colaborar, participar da vida acadêmica na pós-graduação no Rio de Janeiro, com tantos programas de excelência, IUPERJ, Museu Nacional, a UERJ, a UFF, tantos programas já antigos, reconhecidos. E foi aí que a gente chegou às duas linhas, e chegou nessa articulação, nessa dupla dimensão da pós-graduação, que seria pensar desigualdade social num país altamente diferenciado e também hierarquizado; um dos países mais desiguais do mundo, como a gente sabe, já foi dito, e continua sendo, ao mesmo tempo, tendo uma diversidade cultural tão importante, consagrada até no mito das três raças, essa ideia da diversidade como parte do *ethos* de ser brasileiro. Então, ao mesmo tempo, uma coisa altamente positivada no mundo contemporâneo, que é a diversidade, e, em contraposição, algo com um sentido altamente indesejável, negativo que é a desigualdade social.

A pergunta era como a gente poderia trabalhar essa tensão para marcar a identidade do programa, porque não deixa de ser uma tensão, mas, ao mesmo tempo, são duas dimensões fundamentais da abordagem da sociedade brasileira: como a gente pode ler o Brasil a partir e em que medida—olha aí, presente a idéia de interseccionalidade essa diversidade também muitas vezes foi e é lida como desigualdade, e os significados simbólicos disso, de como a diferença pode ser lida como déficit, a diferença sob diversas formas. Eu acredito que foi isso o que guia a nossa pós-graduação até hoje, e é o que tem orientado até as novas contratações de professores para as áreas, para as disciplinas da pós-graduação.

E a revista que tem esse nome, *Desigualdade & Diversidade*, é uma revista que teve muitos altos e baixos, porque nós sempre fomos um grupo pequeno de pessoas com tarefas exigentíssimas. E a revista é algo que demanda muito esforço, muito tempo, muita dedicação. Mas, toda vez que houve um investimento na revista, ele rendeu. É impressionante como isso acaba alavancando



outras coisas, uma abertura, e têm números da revista que são realmente excelentes. Mas hoje é um desafio você ter uma revista. É um desafio você ter uma revista no programa de pós-graduação, sem dúvida, mas é algo que merece um esforço e um investimento. Não me pergunte como, mas não há dúvida.

Em 2006, Eduardo Raposo e eu fomos entrevistar o Padre Fernando Bastos de Ávila porque o Padre Ávila é o patrono do nosso departamento. Não somente do departamento, mas também dos estudos migratórios, das ciências sociais no Brasil. Essa entrevista, até hoje eu me lembro bem dela, porque ele tinha uma grande estima pelo departamento, pela PUC-Rio e, ao mesmo tempo, ele estava em um momento da vida em que ele queria se abrir e falar tudo. Então foi uma entrevista muito impressionante porque ele também falou das coisas das quais ele tinha mágoa. Não foi uma entrevista, assim, pro forma, foi uma entrevista com uma certa abertura. Ele é parte do início das ciências sociais no Brasil, e toda a sua trajetória é realmente muito importante. Foi inesquecível esse momento em que eu e o Eduardo tivemos o prazer de fazer essa entrevista com ele.

**Maria Candida Vargas Frederico** - Nessas mais de quatro décadas de atuação como professora do departamento, você consegue hoje dizer quais são as disciplinas que ministrou na graduação e na pós-graduação que mais despertaram o interesse dos estudantes? A que você atribui isso?

**Sônia Maria Giacomini** - Eu dei muitos cursos na graduação e depois na pós, tanto na área de sociologia quanto de antropologia. Os únicos cursos que eu não dei foram os da área de ciência política, porque não é minha área, minha interdisciplinaridade não é tão grande assim, mas falei muito de poder, mais numa perspectiva da antropologia e da sociologia, claro. Não tem como ser cientista social sem falar de poder, muito menos a antropóloga e socióloga que sou. Um curso que eu adoro até hoje, que eu sempre adorei e as pessoas até achavam meio estranho, para o aluno de primeiro semestre, é Antropologia Cultural. Porque é sempre uma viagem: eu adorava ver a descoberta da antropologia pelos alunos, essa desconstrução que a gente faz no curso de Introdução à Antropologia. Eu acho delicioso acompanhar, com uma turma que está entrando, esse movimento, esse processo. Isso sempre me emocionou. Então é um curso que eu sempre gostei de dar, mesmo podendo escolher, porque a gente vai ficando professora mais antiga e a gente vai meio que escolhendo, podendo escolher mais os cursos que dá... e eu sempre gostei de dar esse, porque sempre me apaixonou. Mas cheguei a dar quase todos os cursos obrigatórios da grade de antropologia na graduação e na pós, e eletivas ligados a minhas linhas de pesquisa. Entre eles, Antropologia da Morte, uma eletiva que ministrei muitas vezes e que sempre reunia alunos de dentro e de fora do Departamento, numa reflexão sobre rituais de passagem a morte é sempre uma passagem e das concepções de vida e de morte numa perspectiva comparada.

Um outro curso que eu acho que foi importante, e que eu dei muitas vezes, além de várias eletivas sobre gênero e sexualidade, foi o de Antropologia do Corpo e das Emoções, no qual eu pude trabalhar essa dimensão que Foucault desenvolve tão bem, que Judith Butler desenvolve

tão bem, que Paul B. Preciado muito mais recentemente vai desenvolver, que é sobre corpo, sexualidade e poder. Tem lugar de destaque aí o feminismo decolonial; estou falando de María Lugones, de Rita Laura Segato. Este, aliás, foi o último curso que eu dei na pós-graduação antes de me aposentar, junto com outras instituições. Foi um curso interinstitucional online oferecido em 2021, reunindo alunos do nosso programa com mais de uma centena de alunos de diferentes programas de várias cidades do Brasil.

Dos cursos que eu costumava dar, destaco também o de Antropologia Urbana, que dialogava diretamente com a dimensão de gênero na cidade, mas também a pesquisa que foi financiada pela SEPPIR<sup>3</sup> e que coordenei no NIREMA<sup>4</sup>: o mapeamento de terreiros de matriz africana no Rio de Janeiro. A reflexão sobre a territorialidade, do poder diferencial associado a distintas filiações religiosas, a perspectiva dos territórios sagrados na cidade e como a cidade pode também ser vista sob essa perspectiva de territórios, de territorialidades, foram questões levantadas por essa pesquisa e que foram trabalhadas em diversas versões dessa disciplina. Um outro curso que eu ministrei na pós algumas vezes e que explorou a dimensão urbana sob uma outra perspectiva foi a disciplina eletiva Raça e Cidade. Trouxe nessa disciplina a discussão de alguns estudos feitos por importantes autores que integraram nos anos 50 e 60 do século passado o chamado Projeto UNESCO sobre raça, situando seus estudos sobre relações raciais em algumas cidades brasileiras. Destaco, entre outros, *Brancos e negros em São Paulo* (1955), de Roger Bastide e Florestan Fernandes; o clássico *O negro no Rio de Janeiro* (1953), de Luiz de Aguiar Costa Pinto; e Fernando Henrique Cardoso em *Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional: o negro na sociedade escravocrata no Rio Grande do Sul* (1962). Ao mesmo tempo em que, como sabemos, essas obras inauguram as ciências sociais no Brasil produzindo o que é comumente designado como pensamento social brasileiro, o fazem através de uma chave considerada importantíssima que é a “raça”, estudando a dimensão das relações raciais e do racismo em diferentes espaços urbanos, salientando as especificidades dessas relações em diferentes contextos urbanos

O racismo estava ali, em cada uma e em praticamente todas as cidades estudadas, mas em cada uma apresentava dimensões específicas importantes. Especificidades que importavam no passado e que importam ainda mais conhecer quando se trata de formular políticas antirracistas e/ou afirmativas. Essas especificidades de que esses autores já falavam com referência ao passado, tem que ser analisadas hoje nas diferentes cidades brasileiras. Esse curso Raça e Cidade por essas razões foi uma experiência muito rica. Mas aí foi mais para a pós-graduação mesmo, eu cheguei a dar uma versão desse curso na graduação, mas numa versão bem simplificada, não viajando por todos esses autores.

<sup>3</sup> Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial.

<sup>4</sup> Núcleo Interdisciplinar de Reflexão e Memória Afrodescendente.

**Maria Candida Vargas Frederico** - Ao longo do tempo, você orientou diversos trabalhos sobre aspectos das religiões de matriz africana. Qual a importância de realizar essa tarefa em uma universidade católica?

**Sônia Maria Giacomini** - Essa pesquisa foi uma das coisas mais interessantes que eu assumi dentro do departamento, já que o NIREMA é um núcleo que é também do departamento, e dentro da PUC-Rio. Essa pesquisa tem uma história muito interessante, porque ela foi uma demanda das sacerdotisas e sacerdotes do candomblé e da umbanda. Então ela já começa super engajada, ou seja, a demanda dela já foi uma demanda desse segmento religioso. E o fato de ela ter sido acolhida na PUC foi algo, sem dúvida, muito importante. Nós tivemos grandes aliados aqui dentro na hierarquia da instituição para que isso ocorresse. A realização dessa pesquisa numa instituição católica fala muito da conjuntura do campo religioso no Rio de Janeiro neste momento, que é um momento em que a Igreja Católica está mais aberta, ou mesmo buscando uma aproximação com os setores, digamos, mais reconhecidos das religiões de matriz africana, mais institucionalizados das religiões de matriz africana. E num momento em que os pentecostais estão com um crescimento assustador e acelerado, e no qual a Igreja Católica também vai olhar alguns desses segmentos de matriz africana como relativamente mais próximos. Isso vai abrir um espaço aqui dentro para esse projeto.

Devo dizer que do ponto de vista acadêmico, quanto à liberdade de cátedra, de pesquisa, eu nunca tive nenhum projeto de pesquisa que tivesse sido perseguido ou censurado, então não é disso que eu estou falando. Academicamente, eu só posso dizer que, até onde eu sei de mim e dos outros colegas, nunca houve censura a temas. Eu inclusive, como você sabe, trabalhei com temas que podem ser considerados muito pesados. Por exemplo, eu orientei dissertação de mestrado sobre o *bareback*, que é uma prática sexual muito, digamos, marginalizada, mesmo entre os segmentos homossexuais, e nunca ninguém chegou para mim e disse “você não pode trabalhar esse tema” ou “isso aqui não pode aqui dentro”, então não é isso que eu estou falando.

O fato de o mapeamento de religiões de matriz africana ter sido realizado na Pontifícia Universidade Católica foi muito importante, inclusive eu tenho que dizer que muitas dessas religiosas, dessas sacerdotisas, foram muito criticadas por alguns pares, que diziam: “Vocês vão logo procurar a Igreja Católica para realizar essa pesquisa?”. Eu estou dizendo que, até desse ponto de vista, elas também foram criticadas. Mas o interessante é que elas vieram a nós. Inclusive eu já tinha trabalhado no ISER<sup>5</sup> como pesquisadora, e foi aí que eu conheci, por exemplo, a Mãe Beata de Iemanjá, que era a grande liderança religiosa desse mapeamento. Então Mãe Beata já me conhecia do ISER, mas não foi só por isso que ela veio aqui, é porque tinha noção de que seria bem acolhida, e foi muito interessante. Eu acho que a PUC saiu engrandecida desse processo, também, fora todo o significado que o mapeamento teve até hoje; quer dizer, é um

<sup>5</sup> Instituto de Estudos da Religião.



estudo que é mencionado, citado, referido. Ficou como um marco. Foi financiado pela SEPPIR, então a nossa metodologia foi replicada pela SEPPIR em outros lugares, ou seja, é algo que deixou algum lastro, algum registro em torno de uma questão que continua super presente, mais do que nunca. A questão da intolerância religiosa infelizmente é um fenômeno que tem crescido com toda essa polarização.

A polarização tem um viés religioso inegável, então pensar esse campo religioso e os conflitos no campo religioso é uma maneira importante e desafiadora de a gente tentar entender o que está acontecendo hoje. Na verdade, hoje, o Estado laico está super ameaçado de todo ponto de vista. Essa interpretação do que é o Estado laico tem sido cada vez mais flexível, e com todos os riscos também que isso traz.

**Maria Candida Vargas Frederico** - Voltando aos temas das pesquisas, qual foi o papel do departamento na criação do NIREMA e qual a importância do núcleo para as ciências sociais?

**Sônia Maria Giacomini** - A professora Gisele Cittadino, do Departamento de Ciências Jurídicas, era decana na ocasião em que o NIREMA foi criado. Ela tinha assumido o decanato do Centro de Ciências Sociais em um momento em que o professor Luiz Roberto Cunha não queria mais ser decano. Ela era vice-decana e ela acabou sendo eleita decana. Um dia ela chamou a mim, que era diretora do departamento, a professora Flávia Maria Schlee Eyler, então diretora do Departamento de História e uma professora que era a diretora do Serviço Social, e falou assim: “Olha, estão querendo criar um núcleo aqui na PUC-Rio, e eu quero saber a opinião de vocês. Um núcleo de estudos afrodescendentes. Eu não quero criar um núcleo que seja pro forma, criar uma unidade que depois não vai fazer nada. Eu quero saber se vocês têm interesse, se vocês acham que vale a pena”, e daí falou do NIREMA. Eu arregalei o olho e falei: “Claro que sim”.

Eu já tinha realizado vários estudos, havia escrito o livro *Mulher e Escrava uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil* (1988) e vários estudos sobre raça e racismo, e a professora Flávia Eyler também. Daí, como demos o aval, ela falou: “Então eu fico tranquila, porque eu não quero criar um núcleo que seja pro forma como é o caso do NEM”, que era o Núcleo de Estudos da Mulher. Ela não queria criar, como disse, “um cabide ali no centro”, porque o NEM que tinha sido criado em 1980, estava mesmo então muito esvaziado. Já tinha tido os seus momentos, quando ele tinha sido relativamente importante e inovador, mas vocês sabem como numa instituição os núcleos também dependem de quem está à frente naquele momento. Ele não tem vida própria, ele depende de um incentivo, de um investimento, de projetos. É diferente de uma unidade, que tem os seus compromissos rotineiros com o conjunto da instituição, com o ensino. No Núcleo essas coisas têm que ser criadas, têm que ser inventadas e têm que ser alimentadas. O NIREMA foi criado neste momento, e eu sugeri o nome da Angela Maria de Randolph Paiva, porque a Angela tinha acabado de ser contratada pelo departamento. A Angela Paiva tinha sido professora horista aqui, ela era também professora de sociologia e de inglês no colégio São Vicente de Paulo, ali no Cosme Velho. Ela tinha sido até professora de

inglês da minha filha, que estudou lá. E daí ela fazia o doutorado no IUPERJ e tinha vindo dar umas aulas como professora horista, e nesse momento ela tinha acabado de ser contratada como professora de tempo contínuo. Ela tinha defendido a tese dela no IUPERJ, e estava trabalhando, tinha começado a trabalhar com ação afirmativa. Então se encaixou perfeitamente, a Angela Paiva foi a primeira coordenadora do NIREMA.

Alguns anos depois, quando saí da direção do departamento, assumi por vários anos a coordenação do NIREMA. Foi nesse período que foi realizado o projeto de mapeamento dos terreiros, convidei Denise Pini Rosalem da Fonseca para coordenarmos juntas o mapeamento. Escrevemos juntas o livro *Presença do axé* (2013), com alguns resultados do mapeamento e outros projetos também. Na época em que coordenei o NIREMA chegamos a ir para o Senegal, eu e duas alunas passamos um tempo na Universidade Cheikh Anta Diop, e foi muito interessante essa nossa viagem para África. Uma das perspectivas que a gente tinha no NIREMA era de fazer uma aproximação com a África, com pensadores africanos, com cosmovisões diferentes, ou seja, essa ampliação para uma perspectiva também africana do conhecimento.

**Maria Candida Vargas Frederico** - Você citou uma das pesquisas das quais você foi orientadora, mas você mencionaria algumas outras? Tanto de pesquisas de discentes quanto de docentes, ao longo da sua carreira na PUC, que tenham se destacado.

**Sônia Maria Giacomini** - Bem, de orientação, eu orientei muitas teses e dissertações. A pesquisa da Olivia Nogueira Hirsh sobre o parto natural humanizado no doutorado, mas também sobre os estudantes cabo-verdianos no Rio de Janeiro, na área de migrações e depois na área de gênero e de direitos reprodutivos, de práticas reprodutivas dentro de uma outra perspectiva de gênero. Tem também a do Bruno Larrubia, que é sobre a ascensão de universitários afrodescendentes. Ele vai fazer uma comparação entre os bolsistas negros da PUC-Rio e os alunos de uma universidade academicamente negra, uma das cem instituições universitárias historicamente negras dos EUA, que é a Morgan State University, nos Estados Unidos, em que ele esteve estagiando com uma bolsa sanduíche e fez uma comparação interessante. Foi até um projeto que ajudou muito a gente a entender os alunos negros, bolsistas da PUC também, que foram beneficiados pelos projetos de ação afirmativa aqui dentro da instituição. A Elaine de Azevedo Maria, que foi uma das minhas últimas orientandas ainda do mestrado, que vai também estudar alunos bolsistas da PUC, mas num momento mais contemporâneo. Nossa, são tantas, eu só consigo nesse momento me lembrar de uns ou outros, mas tem muitos, muitos. E tenho projetos PIBIC<sup>6</sup> que foram maravilhosos, inclusive no projeto de mapeamento dos terreiros, Lucas De Deus bolsista PIBIC também escreveu vários artigos, porque ele participa de uma religião de matriz africana, então ele é de dentro, e ele fez também uma excelente monografia. Muitos, muitos trabalhos versando sobre intolerância religiosa no

<sup>6</sup> Programa institucional de bolsas de iniciação científica.

Brasil. Isso deu origem a muitas orientações. Sobre as minhas pesquisas, eu acho que eu tenho que falar um pouco da minha tese de doutorado, porque eu fiz a minha tese de doutorado dando aula e até como diretora do departamento simultaneamente. Então, destaco a minha pesquisa sobre o Clube Renascença, que está no livro *A alma da festa* (2006), no IUPERJ, e, entre outras pesquisas, aquela sobre mulatas profissionais que deu origem ao livro *Profissão mulata* (2021) e cujos ensinamentos, problemáticas e reflexões foram levadas a seminários, congressos e salas de aula nesses 40 anos na PUC.

A última pesquisa que realizei na PUC foi sobre os bolsistas da PUC-Rio em um livro que foi coordenado pelo professor Ricardo Ismael, uma coletânea onde estão reunidos textos que analisam dados coletados em um questionário passado pelo curso de Cultura Religiosa aqui da PUC-Rio, que mapeia os conjuntos de valores dos alunos da PUC. Eu adorei fazer isso, porque é um espelho muito interessante sobre os valores dos alunos atuais da PUC. Eu até fiquei satisfeita, porque, do ponto de vista dos valores, é positivada a questão da diversidade cultural, e a afirmação da igualdade. São valores que estão aí, com todas as tensões e dificuldades que isso coloca para uma prática universitária, ou seja, democrática, horizontal, com todas as contradições. Mas, do ponto de vista dos valores, até aquele momento, esses eram os valores legitimados e reconhecidos ou simplesmente declarados. Não importa, mas eles estavam ali. Durante muito tempo, por exemplo, as pessoas não diziam no Brasil que elas eram de direita. Hoje as pessoas dizem: "Eu sou de direita". Era como se fosse um xingamento dizer que era de direita, ou seja, a posição política passou a ser explicitada através de uma autodeclaração. A questão da autodeclaração ganhou uma liberdade que talvez não tivesse, não existisse há algum tempo atrás. Então, dar nome aos bois, ou sair do armário, como mais amplamente se diz.

**Maria Candida Vargas Frederico** - Por fim, eu queria que você falasse sobre retornar hoje à PUC para celebrar os 70 anos das Ciências Sociais. Como você se sente sobre essas memórias?

**Sônia Maria Giacomini** - Eu acho que é uma viagem interessantíssima. A PUC é sempre a minha casa; continua sendo, mesmo aposentada. Eu acho que esse departamento tem muita história, vai continuar tendo, e é um orgulho ter sido parte disso.